

DESVENDANDO OS DETERMINANTES DA EXCLUSÃO SOCIAL DOS JOVENS NO MEIO URBANO BRASILEIRO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A CONDIÇÃO “NEM-NEM” COM ENFOQUE NAS DISPARIDADES POR SEXO^o

UNDERSTANDING THE DETERMINANTS OF YOUTH'S SOCIAL EXCLUSION IN THE BRAZILIAN URBAN ENVIRONMENT: AN INVESTIGATION ON THE STATUS “NOT IN EMPLOYMENT, EDUCATION OR TRAINING” WITH A FOCUS ON GENDER DISPARITIES

*Juliane da Silva Ciríaco**

*Jair do Amaral Filho***

*Julyan Gleyvison Machado Gouveia Lins****

Otoniel Rodrigues Dos Anjos Junior#

Sandro Pereira Silva###

recibido: 25 octubre 2022 – aprobado: 4 septiembre 2023

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar os determinantes da geração “nem-nem” por sexo no Brasil urbano. Utilizou-se o Modelo Logit Multinível para o ano de 2010, com dois níveis hierárquicos: individual (nível 1) e municipal (nível 2). Nesse caso,

^o Ciríaco, J.D.S, Do Amaral Filho, J., Machado Gouveia Lins, J.G., Dos Anjos Junior, O.R., & Silva, S.P. (2025). Desvendando os determinantes da exclusão social dos jovens no meio urbano brasileiro: uma investigação sobre a condição “nem-nem” com enfoque nas disparidades por sexo. *Estudios económicos*, 82(84), pp. 106-132. DOI: 10.52292/j.estudecon.2025.3662

* Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3044-5241>. Correo electrónico: juliane.ciriaco@ipea.gov.br

** Universidade Federal do Ceará, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0253-5688>. Correo electrónico: amarelojair@gmail.com

*** Universidade Federal da Bahia Ceará, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3207-6363>. Correo electrónico: julyanlink@hotmail.com

Universidade Federal do Ceará, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7123-0175>. Correo electrónico: pbdosanjos@hotmail.com

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8836-0128>. Correo electrónico: sandro.pereira@ipea.gov.br

o uso dessa metodologia se justifica pelo fato de a pesquisa procurar destacar os efeitos do contexto social onde esses jovens estão inseridos. Os resultados mostram que a incidência de “nem-nem” está associada a municípios de baixo IDHM, com maior população economicamente ativa desocupada. Além do mais, aumenta entre pessoas com ausência de afiliação religiosa e mulheres negras. Outro ponto importante é que a ocorrência de “nem-nem” no domicílio potencializa a probabilidade de outros jovens apresentarem o mesmo comportamento. Finalmente, ter irmão no domicílio e conviver com a mãe diminui a probabilidade de ser “nem-nem” juntamente com a escolaridade do próprio indivíduo e da pessoa de referência no domicílio.

Palavras-chave: jovem, “nem-nem”, contexto social, Brasil.

Classificação JEL: J01

Abstract

The aim of this article was to analyze the determinants of the youth not in employment, education or training (NEET) by gender in urban areas of Brazil. The Multilevel Logit Model was applied for the year 2010, with two hierarchical levels: individual (level 1) and municipal (level 2). In this case, the use of this methodology is justified by the fact that the research sought to highlight the effects of the social context in which these young people are inserted. The results show that the NEET incidence is associated with municipalities with a low human development index, with a larger economically active unemployed population. Furthermore, it is higher among people with no religious affiliation and black women. Another important point is that the NEET occurrence in households increases the probability of other young people presenting the same behavior. Finally, having a brother in the household and living with the mother decreases the likelihood of being NEET along with the education of the individual and the reference person in the household.

Keywords: youth, NEET, social context, Brazil.

JEL code: J01

INTRODUÇÃO

As diferentes fases da vida são caracterizadas por eventos de origem biológica (como a puberdade, menarca, maternidade, menopausa, viuvez e senilidade) e de origem social (como formatura, primeiro emprego, casamento e aposentadoria). Uma dessas fases particularmente marcante é a juventude, que desempenha um papel crucial no ciclo de vida do ser humano. Durante essa fase, os indivíduos geralmente começam a realizar suas aspirações, assumem independência financeira e almejam encontrar seu espaço na sociedade (Camarano & Kanso, 2012).

A primeira experiência de um jovem ao ingressar no mercado de trabalho frequentemente é marcada por sentimentos de estranheza, de medo e de não pertencimento. No entanto, existem iniciativas que buscam minimizar essa insegurança, dentre as quais se podem citar: a) o programa “Jovem Aprendiz”, que combina educação formal com experiência de trabalho, permitindo a aquisição de conhecimento teórico e prático de forma simultânea; b) estágio supervisionado ou não supervisionado; e c) trabalhos voluntários e sociais.

A redução do medo de ingressar no mercado de trabalho possui uma importância significativa no âmbito das políticas públicas, sobretudo porque uma entrada onerosa nesse mercado pode trazer consequências negativas para os jovens em seu meio social e até mesmo aumentar o risco de pobreza e perda de habilidades valiosas (O’Higgins, 2010; Corseuil & Botelho, 2014; Silva & Botelho, 2016).

De acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio - PNAD (IBGE, 2015), um em cada quatro indivíduos brasileiros na faixa etária de idade entre 15 e 29 anos são jovens; portanto, isso deveria traduzir-se de forma inédita em maior aceleração e desenvolvimento econômico se este “boom” de pessoas em idade ativa fosse devidamente aproveitado. Contudo, a pouca qualificação, a alta rotatividade do mercado de trabalho, o aumento da informalidade, o desalento e a falta de políticas focadas nesse público pioram o cenário juvenil, e, no longo prazo, pode comprometer até mesmo a sustentabilidade econômica do país.

Os jovens se mostram como o público mais fragilizado diante das condições oferecidas no mercado de trabalho. Geralmente, são expostos a remunerações mais baixas (Santos & Gimenez, 2015), a instabilidade ocupacional devido à falta de experiência laboral (Reis, 2015), a informalidade (Silva et al., 2016; Silva, 2018), vulnerabilidade a contratos temporários (Booth et al., 2002; Balan, 2014), maior sensibilidade a recessões (Kelly & McGuinness, 2015) e, mais recentemente, sua vulnerabilidade frente ao contexto da pandemia de Covid-19 (Corseuil & Franca,

2020; Silva & Vaz, 2022)¹. Enfim, todas essas condições adversas enfrentadas pelos jovens no mercado de trabalho podem gerar uma população que não é empregada e que nem está em processo de educação ou treinamento, denominados de forma genérica pela literatura brasileira de geração “nem-nem”.

No Brasil, dados do Censo Demográfico de 2010 já apontavam que aproximadamente 8.8 milhões de pessoas de 15 a 29 anos não trabalhavam, não estudavam e sequer procuravam emprego, superando em termos numéricos a população total do Estado de Pernambuco, que era de 8.7 milhões de habitantes no mesmo período. Tal cenário pode tornar-se um problema social de grandes proporções no futuro, dado que o Brasil está passando por um processo chamado de bônus demográfico, situação em que população em idade economicamente produtiva supera a parcela de pessoas em idade não produtiva (idosos e crianças), que deveria se traduzir em uma aceleração do crescimento econômico, o que pode ser frustrado, em parte, pelo fenômeno dos “nem-nem”.

Estudos recentes (Ciríaco, 2015; Shirasu & Arraes, 2019), têm ressaltado que existem diferenças significativas entre homens e mulheres quando se fala dos doravante “nem-nem”. Embora os gêneros enfrentem desafios similares, como a falta de oportunidade no mercado de trabalho e acesso limitado à educação, é geralmente reconhecido que as mulheres são as mais vulneráveis a diversas formas de marginalização e exclusão social. As jovens enfrentam barreiras adicionais associadas a normas culturais arraigadas e estereótipos de gênero que de forma geral limitam suas escolhas, promovendo a priorização das responsabilidades domésticas e do cuidado do lar, em detrimento de suas próprias ambições acadêmicas e profissionais. Ademais, para elas, a questão da gravidez precoce e não planejada pode interromper sonhos e anseios, levando ao abandono escolar e dificultando sua trajetória profissional.

Frente a isso, reconhecer que a problemática dos “nem-nem” não é homogênea e que tal situação para as mulheres é uma condição ainda mais desafiadora é pauta inicial desta pesquisa. Dessa forma, busca-se compreender os fatores socioeconômicos que determinam a alocação entre estudo e mercado de trabalho entre indivíduos de 15 a 29 anos, considerando separadamente a abordagem para homens e mulheres no Brasil urbano.

¹ Para maiores reflexões sobre os impactos da pandemia no mercado de trabalho e distribuição de renda no Brasil, ver Ipea (2021) e Silva, Corseuil e Costa (2022).

Para esta pesquisa, além de se considerar as características dos indivíduos já testadas pela literatura, como, por exemplo, as relacionadas aos atributos pessoais (gênero, idade e raça) e atributos do lar (tamanho da família e escolaridade do chefe), procurou-se verificar o efeito do contexto social na decisão de estar na condição “nem-nem”. Em tal análise, consideraram-se os dados do Censo Demográfico de 2010, DATASUS e IPEADATA. Nessa perspectiva, acredita-se que a interação dos jovens com os demais agentes de sua comunidade poderá influenciar sobre o seu bem-estar de diferentes formas e intensidades, sobretudo, alterar a sua própria decisão quanto a estudar e/ou trabalhar.

Finalmente, para alcançar o objetivo proposto, este artigo está dividido em mais quatro seções, exclusive esta introdução. A seguir, expõe-se o modelo teórico em que se fundamenta a pesquisa. Na seção 3, as estratégias econométricas e a base de dados utilizada são sucintamente exploradas. Na sequência, analisam-se e discutem-se os resultados encontrados. Por fim, na seção 5, são tecidas as considerações finais com as principais conclusões do estudo.

I. MODELO TEÓRICO

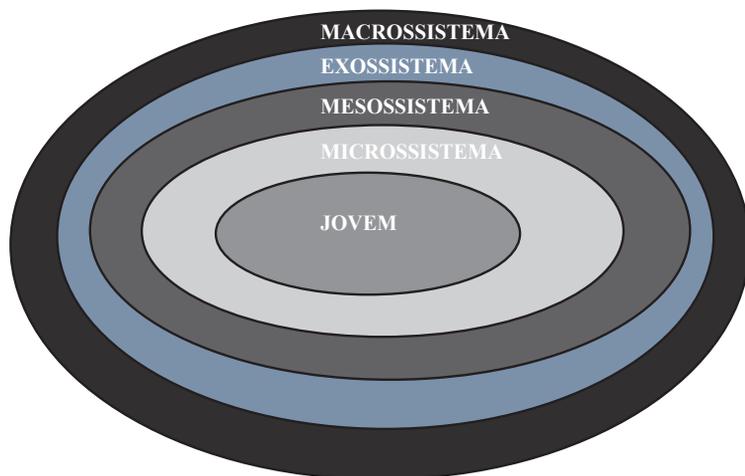
Segundo Siraj et al. (2014), a geração “nem-nem” constitui um grupo heterogêneo com experiências e caminhos diversos, com uma série de fatores de risco comuns associados a níveis proximal e distal. Diante deste ensejo, o modelo ecológico de Bronfenbrenner torna-se uma estrutura teórica bastante útil para compreender a complexidade dos fatores em jogo na vida desses indivíduos.

A Teoria biológica do desenvolvimento humano, desenvolvida por Urie Bronfenbrenner no seu primeiro estágio (1973-1979), fundamentou-se em conceituações entorno dos diferentes níveis contextuais que influenciam no processo de desenvolvimento de uma pessoa (Coscioni et al., 2018). Os seres humanos são influenciados por interações progressivas mais complexas ao longo do ciclo de vida, o qual abrange aspectos multidirecionados e inter-relacionados, que compõem ligações entre os diversos níveis de desenvolvimento, abrangendo o ambiente no qual o indivíduo está inserido, subdividido em: *microssistema*, *mesossistema*, *exossistema*, *macrossistema* (Ciríaco, Oliveira & Anjos Junior, 2017).

A Figura 1 ressalta inicialmente os processos que envolvem um indivíduo em desenvolvimento interagindo com outros agentes, objetos e símbolos dentro de um determinado *microssistema*. Em seguida, têm-se o *mesossistema*, caracterizado pelos elos e processos entre dois ou mais *microssistemas* em que a pessoa se

insere. O *exossistema* engloba os microsistemas em que o indivíduo não participa de forma ativa por meio de interações face a face, porém recebe influência indiretamente. Por último, o *macrossistema* se refere aos valores culturais, ideologias e instituições, que dizem respeito ao núcleo mais abrangente do ambiente ecológico.

Figura 1. Brasil: Juventude sob a ótica da teoria do desenvolvimento humano



Fonte: adaptado pelos autores com base em Siraj et al. (2014).

Siraj et al. (2014), além de considerar a teoria desenvolvida por Bronfenbrenner, incorpora um segundo modelo teórico em que ressalta que a posse e a combinação do capital econômico, cultural e social definem o lugar do jovem na topografia social e podem contribuir para o seu *status* “nem-nem”. Para ele, o capital econômico refere-se à riqueza e aos ativos financeiros dos pais, enquanto o capital cultural consiste em qualificações e experiências educacionais e nas disposições físicas e mentais do jovem. Por sua vez, o capital social inclui a rede de pessoas conhecidas pelo jovem e sua capacidade de explorar oportunidades e recursos fora da família.

Ressalta-se, ainda, que a inserção produtiva do jovem também dependerá das mudanças macroeconômicas e estruturais, das políticas educacionais e do mercado de trabalho, além do papel desempenhado pelas instituições que regulamentam o próprio mercado (Marelli et al., 2013). Sendo assim, este estudo buscou

capturar um possível impacto do meio social construído, considerando tanto as características macroeconômicas e microeconômicas sobre a probabilidade de o jovem estar ou não excluído simultaneamente da força de trabalho e da rede de ensino na área urbana brasileira.

II. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA E BASE DE DADOS

II.1. Abordagem hierárquica

Conforme apontado por Hox (2002), os modelos hierárquicos (também denominados de multiníveis) são utilizados com propósito de examinar fenômenos cujos elementos possuem estrutura hierarquicamente organizada, com padrões de variabilidades dos dados aninhados em mais de um nível hierárquico. Sendo assim, os dados são dispostos em níveis, assumindo que a variável dependente é medida no nível mais desagregado, enquanto as variáveis independentes podem ser especificadas no primeiro nível e em níveis superiores. Ademais, a abordagem permite um ganho adicional que é a possibilidade de particionar a variância entre os níveis de análise (Raudenbush & Bryk, 2002).

A opção pelo uso de modelos hierárquicos nesta pesquisa deve-se à provável existência de variabilidade presente entre a população jovem, mesmo após o controle pelas características individuais. Logo, pressupõe-se que indivíduos com características semelhantes, porém situados em localidades municipais distintas, supostamente retratam comportamentos distintos em decorrência de atributos peculiares ao município.

Para maior entendimento sobre os fatores determinantes da geração “nem-nem”, considerou-se a influência simultânea das características de ordem individual (nível 1) e municipal (nível 2). A variável dependente é dicotômica, à qual se atribui o valor de 1 para os indivíduos que no referido período da pesquisa eram jovens “nem-nem”, e 0 caso contrário. Dado que a variável dependente possui resposta binária, foi adotado um modelo *logit* hierárquico, cuja probabilidade de ocorrência do evento é dada por:

$$\eta_{ij} = \log \left(\frac{\Phi_{ij}}{1 - \Phi_{ij}} \right) \text{ e:}$$

$$\Pr(\text{Geração } nem - nem = 1 / \beta) = \Phi_{ij},$$

onde, Φ_{ij} representa a probabilidade do indivíduo ser “nem-nem” e η_{ij} é os log-odds, que é modelada por uma função de ligação *logit*, logo a equação é descrita como:

$$\eta_{ij} = \beta_{oj} + \sum_q \beta_q X_{qij} \tag{nível 1} \tag{1}$$

$$\beta_{oj} = \phi_{oo} + \sum_s \phi_{os} W_{sj} + r_{oj} \tag{nível 2} \tag{2}$$

$$\beta_{qj} = \phi_{qo} \tag{nível 2} \tag{3}$$

Dessa forma, o subscrito *i* refere-se ao indivíduo e o *j* ao município ao qual esse agente pertence. Assim, tem-se que β_{oj} representa o intercepto; X_{qij} é o valor associado às *q* variáveis incluídas no modelo; β_q é o efeito parcial das variáveis nas chances de ocorrência do evento.

A equação 2 expressa o segundo nível, onde se assume que o intercepto do nível 1, β_{oj} , varia de forma aleatória em todos os municípios, enquanto se admite inclinação igual para todas as unidades de nível 2 (ver equação 3), mudando somente o intercepto de cada unidade *j*, que é representada por $(\phi_{oo} + r_{oj})$. Assim, o intercepto está decomposto no valor médio global para todos os indivíduos (ϕ_{oo}) e pelo componente aleatório associado ao segundo nível (r_{oj}). Ao inserir as Equações (2) e (3), na (1), tem-se a equação (4):

$$\eta_{ij} = \phi_{oo} + \sum_s \phi_{os} W_{sj} + \sum_q \phi_q X_{qij} + r_{oj} \tag{4}$$

W_{sj} = corresponde aos *s* regressores associados ao nível 2. Com, $r_{oj} \sim N(0, \sigma_{oo}^2)$.

De forma geral, na abordagem hierárquica é comumente utilizada a estimação do modelo de baixo para cima, no qual tem-se como ponto de partida o Modelo Nulo. Utiliza-se o coeficiente de correlação intraclasse representado pelo ρ_{logit} com o intuito de verificar se é justificável a inclusão de um segundo nível. Tal métrica é definida como:

$$\rho_{logit} = \frac{\sigma_{\phi_{oo}}^2}{\sigma_{\phi_{oo}}^2 + \sigma_{\xi}^2} \quad 0 \leq \rho_{logit} \leq 1$$

A variância residual de nível 2 por suposição é normalmente distribuída, sendo representada por σ_o^2 , enquanto $\sigma_\xi^2 = (\pi^2/3) = 3,29$ representa a variância residual do nível 1. Cabe destacar que ρ_{logit} mensura a proporção da variância entre o grupo frente à variância total, ou seja, ressalta o quanto da variação observada na variável explicada pode ser atribuído às características no nível dos grupos, variando entre 0 e 1 (Ciríaco et al., 2017; Hox, 2002). Isso implica dizer que quanto mais a métrica se aproxima de zero, os grupos considerados entre si são mais homogêneos; logo, o comportamento do agente independe do grupo que este frequenta. Por sua vez, quanto mais o ρ_{logit} se aproxima de 1, indica que variabilidade no padrão comportamental dos agentes nos grupos se deve basicamente às diferenças existentes entre esses grupos.

A primeira etapa para análise da construção de um Modelo Hierárquico consiste na especificação mais simples, denominado de Modelo Nulo, em que se observam apenas as variações no comportamento dos indivíduos (nível 1), dadas pelas diferenças atribuídas à estrutura municipal (nível 2), expresso por:

$$n_{ij} = \beta_{0j} \quad (\text{Indivíduo}) \quad (5)$$

$$B_{0j} = \phi_{00} + r_{0j} \quad (\text{Município}) \quad (6)$$

Introduzindo a equação 6 na 5, obtém-se o 1º modelo expresso por:

$$n_{ij} = \phi_{00} + r_{0j} \quad (7)$$

Como pode ser observado, no Modelo Vazio não é incluída variável em nenhum dos níveis. Em seguida, procura-se realizar a inclusão das variáveis explicativas apenas do primeiro nível, dando origem ao chamado modelo não condicional, expresso a seguir:

$$n_{ij} = \beta_{0j} + \beta_{1j} \text{indivíduo}_{ij} + \beta_{2j} \text{Família}_{ij} \quad (\text{Indivíduo}) \quad (8)$$

$$B_{0j} = \phi_{00} + r_{0j} \quad (\text{Município}) \quad (9)$$

$$B_{kj} = \phi_{q0} \quad (\text{Município}) \quad (10)$$

Substituindo as equações (9) e (10) em (8), obtém-se o modelo:

$$n_{ij} = \phi_{00} + \phi_{10}Indiv\u00edduo_{ij} + \phi_{2j}Familia_{ij} + r_{0j}, \quad (11)$$

onde *Indiv\u00edduo* e *Familia_{ij}* e englobam, na devida ordem, o conjunto de vetores associados \u00e0s caracter\u00edsticas individuais e familiares. Pela equa\u00e7\u00e3o (10), pode-se observar que esse modelo \u00e9 especificado de tal maneira que o efeito das vari\u00e1veis de ordem individual, captado pelo coeficiente de inclina\u00e7\u00e3o ϕ_{q0} \u00e9 constante entre os munic\u00edpios, enquanto os interceptos podem variar entre eles.

Finalizando, na \u00faltima especifica\u00e7\u00e3o, al\u00e9m das vari\u00e1veis expostas anteriormente, acrescenta-se a vari\u00e1vel de contexto, representando o modelo mais importante e complexo utilizado nesta pesquisa:

$$n_{ij} = \beta_{0j} + \beta_{1j}indiv\u00edduo_{ij} + \beta_{2j}familia_{ij} \quad (\text{Indiv\u00edduo}) \quad (12)$$

$$B_{0j} = \phi_{00} + \phi_{01}EstruturaMunicipal_{sj} + r_{0j} \quad (\text{Munic\u00edpio}) \quad (13)$$

$$B_{kj} = \phi_{q0} \quad (\text{Munic\u00edpio}) \quad (14)$$

Em que *EstruturaMunicipal_{sj}* corresponde aos *s* regressores referentes ao *j*-\u00e9simo munic\u00edpio. Inserindo as equa\u00e7\u00f5es 13 e 14 na equa\u00e7\u00e3o 12, tem-se o modelo final expresso pela equa\u00e7\u00e3o abaixo:

$$n_{ij} = \phi_{00} + \phi_{10}indiv\u00edduo_{ij} + \phi_{20}Familia_{ij} + \phi_{01}EstruturaMunicipal_{sj} + r_{0j} \quad (15)$$

Ressalta-se que as vari\u00e1veis contextuais, correspondentes ao segundo n\u00edvel, s\u00e3o inclu\u00eddas de forma gradativa (Quadros 1 e 2), possibilitando verificar o quanto as vari\u00e1veis em n\u00edvel municipal ajudam na redu\u00e7\u00e3o da variabilidade n\u00e3o condicional associada ao intercepto estimado do n\u00edvel 1. Tal c\u00e1lculo \u00e9 realizado atrav\u00e9s do \u00edndice de redu\u00e7\u00e3o proporcional da vari\u00e2ncia. A m\u00e9trica utilizada tem como objetivo principal compreender a import\u00e2ncia direta das caracter\u00edsticas relacionadas \u00e0 conjuntura municipal (n\u00edvel 2). Sendo assim, busca-se verificar o quanto a introdu\u00e7\u00e3o gradual das vari\u00e1veis de segundo n\u00edvel ajuda a explicar a variabilidade relacionada ao intercepto do modelo n\u00e3o condicional. Logo, quanto menor o componente de vari\u00e2ncia, mais elevado \u00e9 o poder explicativo das vari\u00e1veis atribu\u00edveis ao segundo n\u00edvel, obtidas pela seguinte express\u00e3o:

$$\% \text{Variância Explicada} = \left(\frac{\sigma_{\sigma_0}^2(\text{não condicional}) - \sigma_{\sigma_0}^2(\text{condicional})}{\sigma_{\sigma_0}^2(\text{não condicional})} \right) * 100,$$

tal que:

$\sigma_{\sigma_0}^2$ = Estimativa do componente da variância do intercepto do modelo não condicional e modelo condicional (o qual inclui as variáveis de nível 2).

II.2. Fonte de dados

Nesta pesquisa são considerados jovens as pessoas com recorte etário de 15 a 29 anos, em conformidade com o estipulado pelo Estatuto da Juventude, na Lei nº 12 852/2013. A fonte de dados utilizada para construir as variáveis de nível individual (nível 1) é originada do Censo Demográfico de 2010, conforme mencionado anteriormente. A seleção desse conjunto de dados se deve à ampla gama de informações disponíveis sobre a localidade de residência de cada pessoa estudada. No Brasil, os dados mais completos para estudos que envolvam aspectos gerais da população é o Censo Demográfico. Neste caso, trata-se de um banco de dados com uma gama de informações que geralmente não pode ser substituída devido à inexistência da informação.

Para atingir os objetivos estabelecidos, foram realizados recortes importantes, como a exclusão de jovens que não eram filhos da pessoa responsável pelo domicílio. Além disso, para garantir a homogeneidade dos dados, foram selecionados apenas indivíduos sem deficiência física e/ou mental, residentes em áreas urbanas.

Após a aplicação dessas filtragens e a exclusão das observações faltantes, a amostra final do nível individual consistiu em 1 007 674 observações para a estimação dos homens e 812 305 observações para as mulheres. A amostra do nível municipal (nível 2) é proveniente de fontes secundárias, disponíveis no site IPEADATA e DATASUS, para o ano de 2010. Essa amostra abrange um total de 5564 municípios brasileiros.

Dessa forma, após a escolha do banco de dados e da modelagem a ser utilizada, é necessário definir quais serão os conjuntos de variáveis explicativas para ambos os níveis. No nível 1, consideraremos as variáveis mencionadas na literatura nacional que estão teoricamente relacionadas ao tema, tais como idade, escolaridade, *status* de “outro nem-nem”, presença materna, número de irmãos e cor, que podem influenciar a probabilidade de inatividade laboral e educacional.

Além dessas variáveis, também será incorporada a variável “crença”, que ainda não foi explorada na literatura em relação a esse contexto.

Todas essas variáveis utilizadas e suas respectivas descrições estão disponibilizadas no Quadro 1:

Quadro 1. Descrição dos dados utilizados nas estimações (Nível 1)

Variáveis	Descrição das variáveis
<i>Atributo Pessoal</i>	
S/ instrução e fund. incompleto*	1 se o indivíduo não tem instrução ou tem curso fundamental incompleto; 0 caso contrário
Até Méd. I.	1 se indivíduo tem curso fundamental completo ou nível médio incompleto; 0 caso contrário
Até Sup. I.	1 se o indivíduo tem nível médio completo ou curso superior incompleto; 0 caso contrário
Até Sup. C.	1 se o indivíduo tem curso superior completo; 0 caso contrário
Idade	Idade do entrevistado aferida em anos de vida.
Negra	1 se o indivíduo é de cor negra e “0” caso contrário
Crença	1 se o indivíduo declarou não ter religião; 0 caso contrário
<i>Atributo do lar</i>	
Outro “nem-nem”	1 se entrevistado que convive com algum “nem-nem” da mesma faixa de idade no lar; 0 caso contrário
Mãe Presente	1 se indivíduo convive com a mãe no lar; 0 caso contrário
Chefe até médio incomp *	1 se o chefe tem escolaridade igual ou menor que médio incompleto; 0 caso contrário
Chefe até superior incomp.	1 se o chefe tem nível médio completo e curso superior incomp.; 0 caso contrário
Chefe até Superior compl.	1 se o chefe tem nível superior completo; 0 caso contrário
Nº de irmãos	Número de irmãos residentes no domicílio

Nota: (*) Categoria omitida.

Fonte: elaboração própria com base em Censo Demográfico de 2010.

As variáveis de segundo nível, também conhecidas como variáveis contextuais, foram selecionadas com base em métricas relacionadas à desestruturação social, mercado de trabalho, educação e bem-estar. Essas variáveis incluem o tamanho da população, taxa de desocupação, oferta escolar, Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) e taxa de homicídio municipal. No referente a esta última, ela foi obtida a partir do site do DATASUS para o ano de 2010. Essa variável é utilizada como uma *proxy* para medir a violência em cada município. Os óbitos considerados são aqueles resultantes de mortes por agressão (códigos X85-Y09), levando em conta o local da ocorrência. Em seguida, foi calculada a taxa de homicídio por 100 mil habitantes utilizando dados populacionais do site IPEA-DATA. Essas variáveis de nível municipal são incorporadas ao modelo visando capturar a extensão e a profundidade das desigualdades sociais em diferentes perspectivas, a fim de fundamentar o embasamento teórico do modelo. Enfim, as especificações das variáveis de ordem municipal podem ser encontradas no Quadro 2.

Quadro 2. Descrição dos dados utilizados nas estimações (Nível 2)

Variáveis	Descrição das variáveis
Taxa de desocupação	Percentual da população economicamente ativa (PEA) com 10 anos ou mais de idade que estava desocupada, ou seja, que não estava ocupada na semana anterior à data do Censo mas havia procurado trabalho ao longo do mês anterior à data dessa pesquisa.
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal. Média geométrica dos índices das dimensões Renda, Educação e Longevidade, com pesos iguais.
Taxa de Homicídio	Total de homicídios por 100 mil habitantes do município.
População	Logaritmo da população total do município.
Proxy_Oferta Escolar	Frequência escolar entre 6 e 17 anos.

Fonte: elaboração própria com base em DATASUS e IPEADATA.

A Tabela 1 fornece uma visão geral da distribuição dos jovens no Brasil com foco específico na geração “nem-nem” - aqueles que não trabalham e não estudam. Ela apresenta dados separados por sexo e examina diversas características individuais, familiares e locais, permitindo uma análise mais rica da situação desses indivíduos em duas categorias de análise distintas: (a) “nem-nem” e (b) não “nem-nem”.

Nota-se que próximo de 14.4% das jovens da amostra encontravam-se fora da rede de ensino e inativas no mercado de trabalho, enquanto para eles este percentual é um pouco inferior, correspondente a aproximadamente 10.7%. Ademais, tanto para os homens como para as mulheres, percebe-se que a maior parte dos jovens é de etnia não negra, com faixa de escolaridade de ensino médio completo até superior incompleto (dois terços), possuindo por volta de 2 irmãos, e com idade média entre 20 e 21 anos. Observa-se ainda que lares com jovens “nem-nem” tem maiores chances de ter outros indivíduos nessa mesma condição representando para elas pouco mais de 30%, enquanto para eles este percentual é de 36%.

Já no referente à educação da pessoa de referência do lar, verifica-se que para ambos os sexos, mais de 80% dos chefes sequer completaram o ensino médio. Além disso, a maioria destes jovens reside com a mãe, representando pouco mais de 90%.

No tocante às características peculiares ao município, as taxas de desocupação e de homicídio são maiores em localidades para a categoria dos “nem-nem”, já o IDHM e a oferta escolar são mais elevados para aqueles que estão ocupados e/ou participam da rede de ensino. Por fim, observa-se que, em média, o tamanho da população municipal é praticamente a mesma, independentemente do subgrupo.

Tabela 1. Distribuição dos jovens no Brasil

Nível individual	Mulheres (I)		Homens (II)	
	“Nem-nem”	Não “nem-nem”	“Nem-nem”	Não “nem-nem”
	(a)	(b)	(a)	(b)
Idade	21.4	20.2	21.19	20.51
Nº Irmão	2.62	2.42	2.73	2.44
Faixa de instrução				
S/ instrução e fund. Incompleto*	0.30	0.16	0.44	0.28
Até Méd. I.	0.21	0.35	0.20	0.34
Até Sup. I.	0.44	0.39	0.33	0.33
Até Sup. C.	0.04	0.09	0.03	0.05
Outro “nem-nem”				
Não*	0.70	0.99	0.64	0.98

ESTUDIOS ECONOMICOS

Sim	0.30	0.01	0.36	0.02
Crença				
Sem Religião	0.09	0.06	0.13	0.09
Com Religião*	0.91	0.94	0.87	0.91
Mãe presente				
Não*	0.08	0.05	0.08	0.06
Sim	0.92	0.95	0.92	0.94
Cor				
Não negra*	0.92	0.94	0.92	0.93
Negra	0.08	0.06	0.08	0.07
Faixa de instrução do chefe				
Chefe até médio incomp*	0.81	0.69	0.86	0.72
Chefe até superior incomp.	0.14	0.22	0.15	0.20
Chefe até superior completo	0.05	0.09	0.06	0.08
<hr/>				
Nível municipal				
<hr/>				
Taxa de desocupados	8.48	7.83	8.48	7.82
IDHM	0.69	0.72	0.69	0.71
Taxa de homicídio	25.19	24.29	25.07	23.9
População	11.23	11.44	11.22	11.33
Frequência escolar	93.17	93.48	93.08	93.43

Nota¹: (*) Categoria Omitida.

Fonte: elaboração própria.

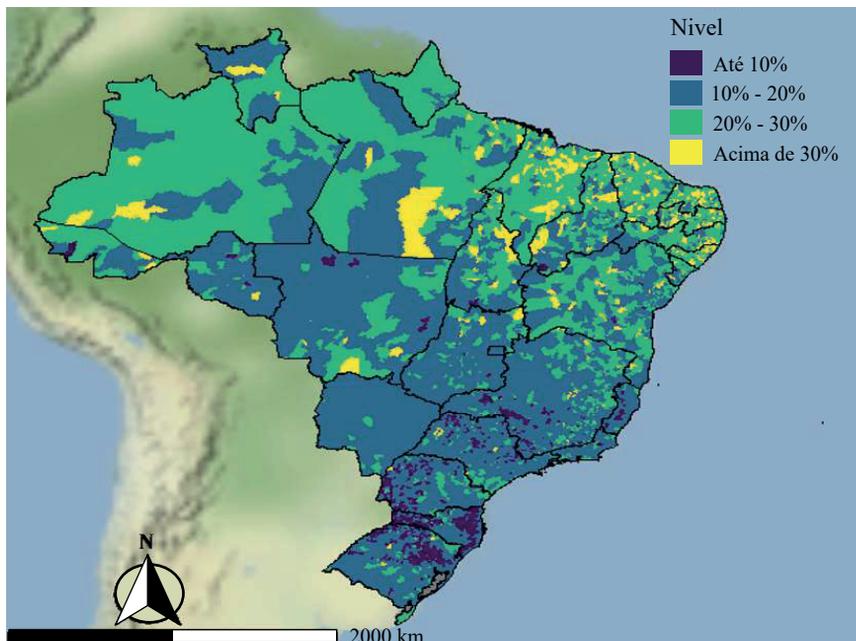
III. RESULTADOS

A presente seção contempla a discussão dos resultados estimados por meio do modelo econométrico. Na pesquisa, analisa-se a situação de desolamento (laboral e educacional) entre os indivíduos na faixa etária de idade entre 15 e 29 anos, moradores das áreas urbanas brasileiras, os conhecidos “nem-nem”.

A Figura 2 plota a distribuição percentual da juventude “nem-nem” no Brasil urbano no ano 2010. A partir disso, observa-se a dispersão espacial desses jovens, principalmente, aqueles concentrados nos municípios situados nas regiões

Norte e Nordeste do país. As disparidades entre as regiões² brasileiras são expressivas, sobretudo, no referente aos níveis de renda e educação. Em linhas gerais, municípios situados mais ao Sul e Sudeste possuem maiores probabilidades de apresentarem melhores indicadores de renda comparativamente com os municípios do Norte e Nordeste.

Figura 2. Brasil: Percentual de jovens “nem-nem” na área urbana em 2010



Fonte: elaboração dos autores.

Como observado, a distribuição da geração “nem-nem” não é homogênea no território brasileiro. Portanto, é um comportamento que pode estar sendo influenciado, por exemplo, por atributos pessoais, atributos do lar, principalmente, por aspectos locais como a taxa de desocupação, o IDH, a população total municipal etc. Enfim, todas essas nuances devem ser incorporadas ao estudo com fito de atingir resultados mais acurados.

² Grandes Regiões do Brasil: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Dessa forma, investiga-se como os atributos individuais e locais influenciam a condição conhecida como “nem-nem” no Brasil. Para tanto, utiliza-se a técnica de modelagem multinível. Essa abordagem permite analisar os efeitos diretos (nível 1) e indiretos (nível 2) associados ao problema de pesquisa em questão. Além disso, ressalta-se que a estimativa será realizada separadamente para homens e mulheres. A hipótese é de que pode haver diferenças significativas na probabilidade de ser “nem-nem” devido ao sexo no Brasil urbano.

No primeiro estágio da análise, realizou-se uma Análise de Variância (ANOVA) com efeitos aleatórios (Modelo Nulo) para verificar se há aleatoriedade nos coeficientes. Nesse modelo, nenhuma variável foi incluída, conforme demonstrado na Tabela 2.

Tabela 2. Brasil: Determinantes da Geração “nem-nem”, Modelo Nulo

Parâmetros	Mulheres (I)	Homens (II)
	Componente Fixo	Componente Fixo
Constante	-1.736*** (0.008)	-2.157*** (0.010)
	Componente Aleatório	Componente Aleatório
	0.274	0.396
Teste LR	12421.2***	15310.1***
<i>ρ</i> logit	7.7%	10.7%

Nota: Desvio Padrão em Parêntese, ***significante a 1%.

Fonte: elaboração dos autores.

A partir do modelo, observou-se uma relação entre as características municipais e a variação nas chances de ser “nem-nem” no Brasil; os resultados foram semelhantes tanto para os homens quanto para as mulheres. Contudo, para homens, o valor do *ρ*logit foi sensivelmente mais elevado, atingindo 0.107, enquanto, para mulheres, foi 0.077. Os valores indicam que 10.7% e 7.7% da variação nas chances de ser “nem-nem” são atribuídas às características peculiares de cada localidade (nível 2), isso para homens e mulheres, respectivamente. Enfim, sugerindo a existência de efeitos de contexto social sobre a probabilidade de ser “nem-nem” no Brasil.

Além disso, os modelos estimados para ambos os sexos demonstraram que os coeficientes das variâncias contextuais (nível 2) são estatisticamente diferentes

de zero. Essa constatação indica que a probabilidade de ser “nem-nem” varia de acordo com o município de residência dos jovens. Essa diferença justifica a utilização da abordagem hierárquica para a análise dos dados em vez de um modelo de regressão clássico.

O passo seguinte consiste na inclusão das variáveis relativas às características individuais e familiares dos indivíduos, ressaltadas no modelo 1 (ver Tabela 3), que é o modelo não condicional, o qual envolve apenas a inclusão das variáveis explicativas relacionadas a idade, sexo, escolaridade, religião, raça, presença materna e número de irmãos no lar. Por outro lado, nos modelos 2, 3, 4, 5 e 6, observou-se o impacto direto das variáveis de contexto social no nível municipal, no qual são inseridas gradativamente, uma por uma, cada variável de nível 2. Isso significa que se busca encontrar o papel das variáveis municipais na redução da variabilidade não condicional do intercepto estimado no modelo 1. Portanto, na diminuição do componente de variância.

À medida que gradualmente foram inseridas novas variáveis ao modelo (taxa de desocupação, Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), taxa de homicídios, população e frequência escolar entre 6 e 17 anos), notou-se efeito positivo das mesmas sobre a redução da variabilidade das estimativas.

Em termos gerais, constatou-se que a incorporação de todas as variáveis de contexto, que captam a estrutura dos municípios, explica coletivamente aproximadamente 50% da variação no intercepto. Para as mulheres, a inclusão de todas as variáveis de contexto representa 51.3% da variabilidade. Já para os homens, representa 45.1% da variabilidade. Ao analisar os modelos 2, 3, 4, 5 e 6, o IDHM mostrou-se a variável de maior relevância para explicar a variação no intercepto, tanto para homens quanto para mulheres.

Diante de sua significância estatística, quanto maior o IDHM, menor a incidência da geração “nem-nem” nos municípios brasileiros; realizando a análise da mudança nas razões de chances,³ os resultados sugerem que o IDHM tem exercido um papel importante, pois as chances de estar simultaneamente inativo no mercado de trabalho e fora da educação foram reduzidas em 97.5% para os homens e 92.8% para as mulheres.

³ Os coeficientes de razão de chances são iguais a “1” quando não é observado nenhum efeito, menor que “1” se o efeito é negativo e maior que “1” se o efeito é positivo.

A taxa de desocupação também se mostrou positiva e significativa para explicar a variabilidade do intercepto em aproximadamente 10% (modelo 2). Portanto, quanto maior o percentual da população economicamente ativa desocupada em um determinado município brasileiro, maiores são as probabilidades de estar simultaneamente fora do mercado de trabalho e do sistema educacional, representando um aumento de 2%.

Prosseguindo com a análise, no caso dos homens, estar situado em locais populosos aumenta a probabilidade de estar na situação “nem-nem”, enquanto para as mulheres reduz a probabilidade dessa condição. Evento constatado a partir do sinal e significância estatística da variável população, pois no âmbito desta pesquisa foi empregada como *proxy* para centros urbanos.

A *proxy* para oferta escolar se mostrou significativa somente para os jovens, porém com efeito ínfimo. Já a variável taxa de homicídios (homicídios por 100 mil habitantes) não se mostrou relevante estatisticamente para explicar a condição ocupacional dos agentes. Portanto, contradiz-se a análise descritiva inicialmente realizada. No entanto, torna-se crucial realizar uma análise mais detalhada das informações disponíveis no banco de dados com a finalidade de determinar se o fenômeno de fato ocorre ou não. Enfim, a heterogeneidade existente nesse subgrupo e a falta de consenso na literatura brasileira sobre o efeito da taxa de homicídios sobre a decisão do jovem dificultam determinar as formas que esse estrato maximiza a utilização do seu tempo.

A ausência de afiliação religiosa entre os jovens aumenta em cerca de 31% para as mulheres e 29 % para os homens as chances de serem classificados como “nem-nem”, corroborando com os achados de Ciríaco (2022), ao destacar a importância da prática religiosa na redução da inatividade laboral e educacional. Tais achados ressaltam o papel significativo da religião na motivação dos jovens para o engajamento ocupacional. Esse achado pode ser atribuído ao impacto da religião na conduta de vida e nos hábitos diários, bem como na ética e moral, influenciando, conseqüentemente, o modo de vida dos seus seguidores (Bernardelli & Michellon, 2018).

No referente à cor, observou-se que pertencer à raça negra aumenta a chance relativa de ser classificado como “nem-nem” (somente as jovens mulheres), resultado já esperado uma vez que estudos anteriores como, por exemplo, Silva & Vaz (2020), mostram existir maior probabilidade de encontrar jovens “nem-nem” entre os indivíduos da população feminina de cor negra e de baixa renda.

A interação entre jovens que vivem no mesmo domicílio tem impacto na forma como eles alocam seu tempo entre o mercado de trabalho e os estudos. Descobriu-se que ter um jovem “nem-nem” no convívio familiar aumenta a probabilidade de outros jovens estarem simultaneamente fora da escola e fora da força de trabalho em mais de 30 vezes, sendo este efeito superior para o sexo masculino.

Os resultados ainda revelam que a presença de mais irmãos no domicílio está associada a uma menor probabilidade de um jovem se enquadrar na categoria de “nem-nem”. A cada novo membro adicionado à família, as chances de um jovem ser classificado como “nem-nem” são reduzidas em aproximadamente 16%, tanto para homens como para mulheres. Esses resultados destacam a importância do ambiente familiar na determinação dos caminhos que os jovens seguem em relação às suas atividades educacionais e profissionais. É fundamental considerar a interação entre os membros da família e promover um ambiente que incentive a participação dos jovens na educação e no mercado de trabalho, evitando a armadilha do “nem-nem” e promovendo oportunidades significativas para o seu desenvolvimento.

De forma geral, a escolaridade, tanto do próprio indivíduo como da pessoa de referência do domicílio, desempenha um papel importante na compreensão dos padrões de vulnerabilidade juvenil no país. Nesse caso, quanto mais elevado o nível de instrução de um indivíduo, maior é a sua participação no ensino formal e/ou na força de trabalho. Essa constatação reforça a importância da educação como fator determinante para o engajamento dos jovens em atividades educacionais e profissionais. Além disso, é importante ressaltar que a educação tem uma influência mais elevada para as jovens na sua participação na escola e no mercado de trabalho.

Por último, independentemente do sexo, conviver com a mãe reduz as chances de estar na situação “nem-nem”. Entende-se que isso ocorra porque a ausência da figura materna representa um desperdício dos recursos disponíveis, pois, em geral, elas tendem a proporcionar mais estímulo emocional e orientação educacional aos filhos no seio familiar.

Em síntese, a incidência de nem-nem está associada a municípios de baixo IDHM, com maior população economicamente ativa desocupada do sexo masculino. Além do mais, aumenta entre pessoas com ausência de afiliação religiosa e mulheres negras. Outro ponto importante é que a ocorrência de nem-nem no domicílio potencializa a probabilidade de outros jovens apresentarem o mesmo comportamento. Finalmente, ter irmão no domicílio e conviver com a mãe diminuem a probabilidade de ser nem-nem juntamente com a escolaridade do próprio indivíduo e da pessoa de referência no domicílio.

Tabela 3. Brasil: Determinantes da Geração “nem-nem”

Componente Fixo	Mulheres (f)						Homens (H)							
	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4	Modelo 5	Modelo 6	RC	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4	Modelo 5	Modelo 6	RC
Intercepto	-2.300*** (0.0267)	-2.542*** (0.0295)	-0.591*** (0.0636)	-0.593*** (0.0636)	-0.536*** (0.0668)	-0.527*** (0.204)	0.590** (0.120)	-2.234*** (0.0266)	-2.507*** (0.0301)	-0.188*** (0.0698)	-0.186*** (0.0699)	-0.389*** (0.0742)	-0.825*** (0.221)	0.438*** (0.0967)
Idade	0.0742*** (0.0009)	0.0736*** (0.0009)	0.0733*** (0.0009)	0.0733*** (0.0009)	0.0734*** (0.0009)	0.0734*** (0.0009)	1.076*** (0.0010)	0.0254*** (0.000990)	0.0251*** (0.000990)	0.0248*** (0.000990)	0.0248*** (0.000990)	0.0246*** (0.000990)	0.0246*** (0.000990)	1.025*** (0.00101)
Até Méd. I	-0.940*** (0.0106)	-0.937*** (0.0106)	-0.921*** (0.0106)	-0.921*** (0.0106)	-0.921*** (0.0106)	-0.921*** (0.0106)	0.398*** (0.0042)	-0.796*** (0.0101)	-0.793*** (0.0101)	-0.772*** (0.0101)	-0.772*** (0.0101)	-0.771*** (0.0101)	-0.771*** (0.0101)	0.462*** (0.00466)
Até Sup. I.	-0.451*** (0.0098)	-0.447*** (0.00988)	-0.426*** (0.00988)	-0.426*** (0.00989)	-0.427*** (0.00989)	-0.427*** (0.00989)	0.653*** (0.00646)	-0.295*** (0.00975)	-0.291*** (0.00975)	-0.264*** (0.00977)	-0.263*** (0.00977)	-0.263*** (0.00977)	-0.263*** (0.00977)	0.769*** (0.00751)
Até Sup. C.	-1.303*** (0.0186)	-1.293*** (0.0186)	-1.262*** (0.0186)	-1.262*** (0.0186)	-1.263*** (0.0186)	-1.263*** (0.0186)	0.283*** (0.00526)	-0.803*** (0.0227)	-0.795*** (0.0227)	-0.759*** (0.0228)	-0.759*** (0.0228)	-0.758*** (0.0228)	-0.758*** (0.0228)	0.469*** (0.0107)
Outro “nem-nem”	3.511*** (0.0136)	3.505*** (0.0136)	3.488*** (0.0136)	3.488*** (0.0136)	3.488*** (0.0136)	3.488*** (0.0136)	32.73*** (0.445)	3.554*** (0.0117)	3.548*** (0.0117)	3.532*** (0.0116)	3.532*** (0.0116)	3.531*** (0.0116)	3.531*** (0.0116)	34.15*** (0.397)
Crença	0.278*** (0.0134)	0.268*** (0.0134)	0.275*** (0.0134)	0.275*** (0.0134)	0.276*** (0.0134)	0.276*** (0.0134)	1.318*** (0.0176)	0.257*** (0.0116)	0.248*** (0.0116)	0.255*** (0.0116)	0.255*** (0.0116)	0.253*** (0.0116)	0.253*** (0.0116)	1.288*** (0.0150)
Mãe Presente	-0.335*** (0.0138)	-0.333*** (0.0138)	-0.333*** (0.0138)	-0.333*** (0.0138)	-0.333*** (0.0138)	-0.333*** (0.0138)	0.716*** (0.00990)	-0.131*** (0.0139)	-0.129*** (0.0139)	-0.128*** (0.0139)	-0.128*** (0.0139)	-0.127*** (0.0139)	-0.128*** (0.0139)	0.880*** (0.0122)
Negra	0.0507*** (0.0144)	0.0416*** (0.0144)	0.0418*** (0.0143)	0.0418*** (0.0143)	0.0420*** (0.0143)	0.0420*** (0.0143)	1.043*** (0.0149)	0.00268 (0.0144)	-0.00594 (0.0144)	-0.00580 (0.0144)	-0.00587 (0.0144)	-0.00638 (0.0144)	-0.00663 (0.0144)	0.993 (0.0143)

Nº irmão	-0.165*** (0.00301)	-0.168*** (0.00301)	-0.174*** (0.00300)	-0.174*** (0.00301)	-0.174*** (0.00301)	-0.174*** (0.00299)	-0.173*** (0.00298)	-0.173*** (0.00298)	-0.174*** (0.00298)	-0.174*** (0.00298)	-0.174*** (0.00298)	0.841*** (0.00251)
Chefe Até Sup. I.	-0.303*** (0.0103)	-0.305*** (0.0103)	-0.291*** (0.0103)	-0.290*** (0.0103)	-0.289*** (0.0103)	-0.143*** (0.0107)	-0.129*** (0.0107)	-0.129*** (0.0107)	-0.132*** (0.0107)	-0.132*** (0.0107)	-0.132*** (0.0107)	0.877*** (0.00942)
Chefe Até Sup. C.	-0.323*** (0.0154)	-0.325*** (0.0154)	-0.310*** (0.0154)	-0.310*** (0.0154)	-0.309*** (0.0154)	-0.120*** (0.0160)	-0.109*** (0.0160)	-0.109*** (0.0160)	-0.112*** (0.0160)	-0.112*** (0.0160)	-0.112*** (0.0160)	0.894*** (0.0143)
Taxa de Desocupados	0.0350*** (0.00180)	0.0212*** (0.00161)	0.0217*** (0.00168)	0.0227*** (0.00172)	0.0228*** (0.00174)	0.0390*** (0.00198)	0.0227*** (0.00179)	0.0222*** (0.00185)	0.0191*** (0.00189)	0.0184*** (0.00192)	0.0184*** (0.00192)	1.019*** (0.00195)
IDHM	-2.751*** (0.0807)	-2.744*** (0.0809)	-2.633*** (0.0904)	-2.631*** (0.0985)	-2.631*** (0.0720***	-3.285*** (0.0912)	-3.290*** (0.0915)	-3.290*** (0.1000)	-3.600*** (0.108)	-3.688*** (0.108)	-3.688*** (0.108)	0.0250*** (0.00271)
Taxa de Homicídio	-0.000313 (0.000296)	1.60e-08 (0.000317)	-1.23e-06 (0.000318)	1.000 (0.000318)	1.000 (0.000318)	0.000304 (0.000334)	-0.000633* (0.000356)	-0.000633* (0.000357)	-0.000570 (0.000357)	-0.000570 (0.000357)	-0.000570 (0.000357)	0.999 (0.000357)
População	-0.0148*** (0.00538)	-0.0148*** (0.00543)	0.985*** (0.00535)	0.985*** (0.00535)	0.985*** (0.00535)	0.0458*** (0.00613)	0.0475*** (0.00618)	0.0475*** (0.00618)	0.0475*** (0.00618)	0.0475*** (0.00618)	0.0475*** (0.00618)	1.049*** (0.00648)
Oferta escolar	-0.000104 (0.00229)	1.000 (0.00229)	1.000 (0.00229)	1.000 (0.00229)	1.000 (0.00229)	0.00518*** (0.00247)	0.00518*** (0.00247)	0.00518*** (0.00247)	0.00518*** (0.00247)	0.00518*** (0.00247)	0.00518*** (0.00247)	1.005*** (0.00248)
Componente Aleatório												
σ^2 (Variação municipal)	0.117	0.104	0.057	0.057	0.057	0.1629	0.1469	0.0922	0.0922	0.0894	0.0894	0.0893
% variância explicada	11.2%	51.3%	51.3%	51.3%	51.3%	9.8%	43.4%	43.4%	43.4%	45.1%	45.1%	45.1%

Nota: Desvio Padrão em Parêntese, ***, significante a 1%, **, significante a 5%, * significante a 10%. Nota: RC equivale a Razão de chances
Fonte: elaboração dos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surge da consideração de que os fatores que contribuem para a ocorrência do fenômeno conhecido como “nem-nem” são influenciados por dois níveis de interação (o individual e municipal). Dada a amplitude dessa problemática, várias pesquisas têm tentado compreender melhor esse fenômeno. Uma abordagem diferenciada adotada neste estudo foi considerar, além das características individuais e familiares, a influência da conjuntura local, que, de forma geral, é negligenciada por estudos correlatados no país.

Essa abordagem em relação à temática é motivada principalmente pela estrutura hierárquica dos dados, buscando preencher lacunas na literatura sobre a juventude “nem-nem”. Embora os estudos existentes destaquem a importância das características individuais e familiares, muitas vezes negligenciam a influência do ambiente em que as pessoas estão inseridas. Além disso, a literatura atual frequentemente falha ao não considerar uma possível estrutura hierárquica, o que pode levar ao problema da falácia ecológica e atomística, conforme apontado por Hox (2002). A utilização de bases de dados como o Censo Demográfico pode ajudar a preencher parcialmente essa lacuna, uma vez que permite a criação e a interconexão de indicadores de nível municipal com outros bancos de dados, como o DATASUS e o IPEADATA. Além disso, essas bases de dados permitem capturar os efeitos não observados associados às peculiaridades locais, que também podem influenciar no estilo de vida dos indivíduos.

É importante ressaltar que fatores relacionados às características individuais, estrutura familiar e contexto social podem ter impacto significativo no processo de exclusão social da juventude brasileira. De maneira geral, constatou-se que a localidade em que um jovem reside desempenha um papel importante em seu desenvolvimento. Contextos sociais precários, caracterizados por baixo nível de desenvolvimento econômico e alta vulnerabilidade social, têm sido identificados como contribuintes para a inatividade educacional e laboral dos jovens. Esses fatores adversos podem criar barreiras e limitações que dificultam o acesso a oportunidades educacionais e de emprego, afetando negativamente o desenvolvimento e a inserção social desses jovens.

Em linhas gerais, a pesquisa mostra que a incidência de “nem-nem” está associada a municípios de baixo IDHM, com maior população economicamente ativa desocupada do sexo masculino. Além disso, aumenta entre pessoas com ausência de afiliação religiosa e mulheres negras. Em relação à interação familiar, os dados mostram que a ocorrência de “nem-nem” no domicílio potencializa a

probabilidade de outros jovens apresentarem o mesmo comportamento. Finalmente, ter irmão no domicílio e conviver com a mãe diminuem a probabilidade de ser “nem-nem”, juntamente com a escolaridade do próprio indivíduo e da pessoa de referência no domicílio. Portanto, a pesquisa já serve de base no campo das políticas públicas para juventude, uma vez que esclarece uma série de fenômenos até então obscuros relacionados com a geração “nem-nem” no Brasil.

Nesse caso, ressalta-se que são de extrema importância a criação de creches e a implementação de programas que promovam a integração das jovens mulheres que cuidam do lar, principalmente mulheres negras, pois essas iniciativas são fundamentais para fomentar a igualdade de gênero e raça, empoderar as mulheres e melhorar as condições de vida das famílias. Além disso, é crucial oferecer programas de educação continuada, incluindo modalidades remotas, que permitam às mulheres acesso à aprendizagem com menores custos ao longo da vida. Portanto, a qualificação remota é uma opção porque pode ser feita no próprio ambiente domiciliar, promovendo a redução nos custos de deslocamento e tempo.

Os resultados expostos mostram certa urgência de atuação do poder público, sobretudo na confecção de políticas públicas voltadas para o engajamento dos jovens no mercado de trabalho e/ou sistema educacional, pois só assim será possível contornar essa problemática. Além disso, outros fatores de natureza familiar podem exercer influência sobre as decisões dos indivíduos, o que requer uma abordagem mais integrada. Portanto, sugere-se que pesquisas futuras utilizem um modelo hierárquico para capturar os fatores não observados nos lares desses jovens, a fim de identificar possíveis elementos psicológicos ou culturais presentes nessas famílias que possam influenciar seus comportamentos.

É importante ressaltar que os dados do próximo Censo Demográfico no Brasil oferecerão novas oportunidades para aprofundar as análises desse tema em todo o país, proporcionando uma melhor compreensão da situação e direcionando as políticas públicas de forma mais efetiva para enfrentar esse desafio.

REFERÊNCIAS

- Bălan, M. (2014). Youth labor market vulnerabilities: characteristics, dimensions and costs. *Procedia Economics and Finance*, 8, 66-72. [https://doi.org/10.1016/S2212-5671\(14\)00064-1](https://doi.org/10.1016/S2212-5671(14)00064-1)
- Bernardelli, L. V. & Michellon, E. (2018). A religião e o crescimento econômico: uma análise para o Paraná de 2000 e 2010. *Revista Paranaense de Desen-*

- volvimento*, 39(134), 140-156. <https://ipardes.emnuvens.com.br/revista-paranaense/article/view/929>
- Booth, A. L., Francesconi, M. & Frank, J. (2002). Temporary jobs: stepping stones or dead ends? *The Economic Journal*, 112(480). <https://doi.org/10.1111/1468-0297.00043>
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: experiments by nature and design*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Camarano, A. A. & Kanso, S. O. (2012). O Que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho?. (*IPEA, Mercado de trabalho*. Conjuntura e Análise, No. 53). <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3829>
- Cardoso, A. (2013). Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. *Caderno CRH*, 26(68), 293-314. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792013000200006>
- Ciríaco, J. da S., Júnior, O. R. dos A. & Santos de Oliveira, C. (2018). Fatores associados às escolhas ocupacionais das jovens mulheres baianas. *Revista Desenvolvimento Regional em Debate*, 8(2), 47-67. <https://doi.org/10.24302/drd.v8i2.1768>
- Ciríaco, J. da S. (2015). *A situação ocupacional dos jovens no Brasil: 2002 a 2012*. [Dissertação Mestrado em Economia]. Repositorio Institucional da UFPB. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8120>
- Ciríaco, J. da S. (2022). *Ensaio sobre educação e mercado de trabalho do jovem*. [Tese Doutorado em Economia]. Repositorio Institucional da UFC. <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/68612>
- Ciríaco, J. da S., de Oliveira, C. S. & Anjos Júnior, O. R. dos (2017). O contexto social como determinante do trabalho precoce no Ceará. *Revista da ABET* 16(2), 75-89. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1676-4439.2017v16n2.37798>
- Corseuil, C. H. & Bothelo, R. U. (Orgs.). (2014). *Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros*. Brasília: IPEA. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3235>
- Corseuil, C. H. & Franca, M. (2020). Inserção dos jovens no mercado de trabalho em tempos de crise. (IPEA, Mercado de Trabalho: conjuntura e análise, no. 70). <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10413>
- Coscioni, V. Nascimento, D. B., Rosab, E. M., & Kollera, S. H. Pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: uma pesquisa com adolescentes em medida socioeducativa. *Psicologia USP*, 29(3) 363-373. <https://doi.org/10.1590/0103-656420170115>
- Costa, J., Poloponsky, K., Rocha, E. & Russo, F. (2019). Juventude e habilidades socioemocionais: contribuição para entender os jovens sem estudo e sem

- trabalho. (IPEA, Mercado de Trabalho: conjuntura e análise, No. 66). <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9922>
- Hox, J. J. (2002). *Multilevel analysis: techniques and applications*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2015). Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio - PNAD. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multi-dominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/17270-pnad-continua.html?=&t=series-historicas>
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. (2021). Políticas sociais: acompanhamento e análise no. 28. Brasília: IPEA. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10796>
- Kelly, E. & McGuinness, S. (2015). Impact of the Great Recession on unemployed and NEET individuals' labour market transitions in Ireland. *Economic Systems*, 39(1). 59-71. <https://doi.org/10.1016/j.ecosys.2014.06.004>
- O'Higgins, N. *The impact of the economic and financial crisis on youth employment: Measures for labour market recovery in the European Union, Canada and the United States*. (ILO, Employment Working Paper No.70). https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_emp/documents/publication/wcms_154365.pdf
- Raudenbush, S. W. & Bryk, A. S. (2002). *Hierarchical Linear Models. Applications and Data Analysis Methods* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Reis, M. (2015). Uma análise da transição dos jovens para o primeiro emprego no Brasil. *Revista Brasileira de Economia*, 69(1), 105-124.
- Remy, M. A., & Vaz, D. V. (2017). Fora da escola e do mercado de trabalho: o jovem -nem-nem- no estado do Rio de Janeiro. *Revista da ABET*, 16(2), 119-139. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1676-4439.2017v16n2.37801>
- Santos, A. L. & Gimenez, D. M. (2015). Inserção dos jovens no mercado de trabalho. *Estudos Avançados*, 29(85), 153-168. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142015008500011>
- Shirasu, M. R. (2019). *Determinantes da escolha e do retorno ocupacional dos jovens brasileiros*. (Tese Doutorado em Economia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39312>
- Shirasu, M. R. & Arraes, R. A. (2019). Decisão dos jovens brasileiros: trabalhar e/ou estudar ou nem-nem. *Revista Pesquisa e Planejamento Econômico*, 49(2). <https://ppe.ipea.gov.br/index.php/ppe/article/view/1947>
- Silva, S. P. (2018). *O Panorama laboral brasileiro no context recente da economia latino-americana*. (IPEA, Mercado de Trabalho: conjuntura e análise No. 64). <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8388>

- Silva, S. P., Cirseuil, C. H. & Costa, J. S. (Orgs.). (2022). *Impactos da pandemia de Covid-19 no mercado de trabalho e na distribuição de renda no Brasil*. Brasília: IPEA. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11561>
- Silva, E. R. & Vaz, F. (2020). *Os jovens que não trabalham e não estudam no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil*. (IPEA, Mercado de Trabalho: conjuntura e análise, No. 70). <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10414>
- Silva, E. R., Macedo, D. M., Figueiredo, M. M., Vieyra, M.M. & Oliveira, R. M. (2016). A informalidade do trabalho da juventude no Brasil: o que pensam os integrantes do subcomitê da agenda nacional de trabalho decente para a juventude. (IPEA, Texto para Discussão No. 2171). <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/6585>
- Silva, E. R. & Botelho, R. U. (Orgs.). (2016) *Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas*. Brasília: IPEA. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/6270>
- Siraj, I., Hollingworth, K., Taggart, B., Sammons, P., Melhuish, E. C. & Sylva, K. (2014). Report on students who are not in education, employment or training (NEET). London: Institute of Education & Department of Education. <https://www.ucl.ac.uk/ioe/sites/ioe/files/16-Report-students-NEET-RR.pdf>

© 2025 por los autores; licencia no exclusiva otorgada a la revista *Estudios económicos*. Este artículo es de acceso abierto y distribuido bajo los términos y condiciones de una licencia Atribución-No Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0) de Creative Commons. Para ver una copia de esta licencia, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>